

Echos de Guimarães

SEMANARIO MONARCHEICO

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne
Redactor, Thomaz Rocha dos Santos
Redacção: Rua 31 de Janeiro
Administração: Rua de Payo Galvão, 70

Propriedade da Empresa
DOS
Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesense
68, Rua de Payo Galvão, 72
GUIMARÃES

A VIAGEM PRESIDENCIAL

Tudo pela ré publica

Neste desmanchar de feira, neste desmoronamento moroso mas seguro, d'um regimen em opposição á indole, aos habitos, ao gosto da quasi unanimidade da nação portugueza, neste desfiar de dislates e dispausterios em que andam empenhados os dirigentes do regimen, uma coisa sobrelava em impudor e desfaçatez a todas as outras: a viagem presidencial ao estrangeiro.

Na verdade é preciso formar da mentalidade e da energia moral da nação portugueza uma ideia muito baixa, muito desprezível para assim se lhe atirar ás faces uma tão inaudita provocação, um tão arrogante desafio.

Pois quê! quando o povo grita com fome e se atropella á porta dos postos estabelecidos para obter um bocado de pão mau e caro; quando a industria se vê em risco de suspender a sua laboração por falta de carvão e materias primas; quando a agricultura está em risco de fallencia, pela carestia dos adubos e pela retenção nos seus depositos dos generos commerciaveis excedentes ás necessidades do consumo interno e pela limitação do preço dos outros; quando um commercio pouco intelligente e ainda menos escrupuloso leva a ruina a todos os lares; quando uma atmosfera de desgraça paira sobre esta pobre nação, ha um desvairado e cynico estadista que se lembra, que tem a irritante phantasia, de fazer viajar o chefe do estado acompanhado de numerosas e inutil comitivas, a pretexto de levar *alento e conforto*. . . a quem não lh'o pediu!!!

Aperta-se a corda na garganta aos proprietarios em castigo do seu delicto de *deterem* a propriedade, sem se lembra-

rem que d'ella e d'elles vivem numerosas classes; põe-se a faca aos peitos aos industriaes que não cedam ás exigencias dos seus operarios, manequins que os agitadores profissionaes manejam ao sabor das suas conveniencias; limita-se a actividade dos commerciantes a pretexto da protecção e defesa dos seus empregados, e ainda a pretexto de economia de illuminação; sacrifica-se a tudo e a todos a pretexto de salvação publica, e é num momento d'estes que a essas terras longinhas, onde combatem alguns milhares de portuguezes de todas as côres politicas, de todas as crenças religiosas, se envia a dar *alento e conforto* o chefe das instituições politicas que só alguns, poucos, d'esses milhares de desgraçados acatam, se envia o perseguidor das crenças religiosas dos outros!

E como se isto fosse pouco, ainda são os paes e os filhos dos que lá estão, que pagam as despesas da folia, a elles, e ao seu numeroso cortejo, que, a ser exacto o que corre, se compõe precisamente das mais sinistras figuras de quantas tem tido predominio no pagode republicano, d'aquellas precisamente a quem elles devem a *honra* de se acharem debaixo da metralha dos alle-mães!

Nero está vingado! A'quelles que lhe censuram o cynismo de se fazer saudar pelos que, em satisfação ao seu capricho doentio de criminoso tarado, se iam a morrer na arena para seu goso e da população sanguinaria que o aclamava, poderá a historia patria contrapor o *alento e o conforto* do snr. Bernardino aos soldados de Portugal.

Nem ao menos podem—os desgraçados—morrer em paz!!

e aos contrarios do regimen como o melhor cidadão, que o cerquem de garantias taes que o tornam quasi sagrado e intangivel, ainda quando a sua elevação a tal cargo seja a resultante de uma esperteza ou de uma burla, e que ao Chefe nato da christandade portugueza, que é a quasi unanimidade da Nação, se trate, por parte dos poderes constituídos, com uma semceremonia que seria aviltante se aos seus auctores se podesse pedir responsabilidades moaes.

Sem querermos discutir a legalidade ou a illegalidade da medida, evidentemente resultante de outra medida previamente tomada pelo snr. Braga, o nosso proposito é apenas chamar a attenção do leitor para o tom irritante e provocador em que é feita a comminação.

Este pequeno extrato do longo arrazoado explicativo da preposição, e que aqui reproduzimos para edificação dos nossos leitores, dá bem nitida a ideia do que é um ministro da ré publica.

«O facto do arguido não haver nunca solicitado, segundo diz, o beneplacito para os seus escriptos pastoraes nada prova em sua defeza e antes serve a demonstrar a sua contumacia no desprezo á lei, cujas exigencias imperativas, elle, menos que ninguem, pode desconhecer, visto ter sido castigado já pela sua não observancia.

Não ha duvida, pois, de que o arguido está incurso na penalidade disciplinar estabelecida no artigo 146.º e seguintes da mencionada lei de 20 de abril de 1911; e, por isso, conformando-me com o parecer da Commissão Central de Execução da Lei de Separação, *imponho ao Patriarcha de Lisboa, Antonio Mendes Bello, a pena de interdicção de residencia, pelo prazo de um anno, no districto de Lisboa e seus limitrophes, sem prejuizo do procedimento criminal que no caso caiba.*

Passo decreto em conformidade, no qual se fixará ao arguido o prazo de cinco dias para sair da area em que lhe fica prohibido residir.

Passo igualmente portaria, esclarecendo, como o pediram, as irmandades da diocese de Lisboa, acerca das consequencias resultantes do cumprimento da provisào de que se trata.

Lisboa, 23 de agosto de 1917.—Alexandre Braga.»

Sente-se ou não, estimavel leitor, uma sensação de asco ao ler estes periodos?

Arrupia ou não, ouvir tratar uma pessoa de tão alta cathegoria, com uma semceremonia só justificavel quando se tratasse de um affonso ou de um antonio zé qualquer?

Indigna ou não o mais frio e insensivel, a petulancia grotesca e grosseira das palavras que sublinhamos?

E que dizer do auto, ou como melhor se lhe deva chamar, que um reles policia, o mais reles talvez da corporação, um repellente formigão que dá pelo nome de *Morrinheira* ou coisa parecida, e a quem o ministro da Justiça incumbiu o encargo de ir interrogar o Snr. Cardeal (!!!), como pessoa idonea e bastante, para inquirir um arguido (!) d'aquella cathegoria!!!

Queiram ler o parecer da conspiciua *commissão central da execução da lei de separação* baseada no auto levantado pelo *Morrinheira* e que passamos a transcrever:

«O referido Cardeal Patriarcha, sendo ouvido, confessa, implicitamente, a expedição e publicação da indicada provisào, allegando, contudo, que na pratica d'este acto não offendeu qualquer lei da Republica, visto que a Constituição em nenhum dos seus artigos permite a

exigencia de beneplacito para os escriptos pastoraes.

Ora, considerando que o facto arguido está manifestamente previsto no artigo 181.º da lei da separação, a qual está em pleno vigor, como lucidamente se demonstra no relatório do decreto de 21 de dezembro de 1911, pelo qual já ao mesmo ministro da religião foi applicada pena disciplinar por motivo analogo;

Considerando que a instituição do beneplacito, sendo para o Estado uma medida indispensavel de defeza social, ainda no caso presente se revela de necessidade, pois que a provisào acima referida, alem de aconselhar a transgressão d'uma lei fundamental da Republica, exerce pressão sobre grande numero de cidadãos e pode causar irreparavel prejuizo ás corporações que elles constituem, as quaes, obedecendo ás determinações patriarchaes, ficariam incurso na pena de extincção; e

Considerando, tambem, que a ameaça de graves penas espirituaes, «consignada na dita provisào, pode determinar que um grande numero de cidadãos se abstenham de exercer livremente os actos do seu culto, estando por isso abrangida na sancção do art. 13.º da lei de 20 de abril de 1911:

A Commissão Central é de parecer que o referido Cardeal Patriarcha, Antonio Mendes Bello, incorreu na pena disciplinar estabelecida no artigo 146.º e seguintes da citada lei, a qual deverá ser-lhe applicada pelo tempo que for julgado sufficiente, sem prejuizo do procedimento criminal que no caso couber.

Lisboa e sala das sessões da Commissão Central de Execução da Lei de Separação do Estado das Igrejas, 22 de agosto de 1917.—Arey—Alfredo Portugal—Damel Rodrigues—Arthur Costa.»

Tudo está d'accordo—o parecer com os nomes que o firmam. Lá está o illustre Daniel, e o não menos illustre Arthur Costa, que de reles escrivão em comareca sertaneja, passou a luminaria do regimen. E' de crêr que os snrs. Arey e Alfredo Portugal, cujos meritos e talentos ainda não chegaram ao conhecimento dos indigenas d'este sertão minhoto, sejam da mesma força.

Todos juntos produziram esta peça que, pela desfaçatez e insolencia com que está redigida, desafia o appetite ao mais pacato de lh'a esfregar nas ventas, e de lhes encher de pontapés as pousadeiras.

Farçantes por conta propria e hypocritas por conta alheia! O medo que os bilhoteses tem que a *provisào do referido Cardeal Patriarcha* (o referido! como se houvesse outros com quem se podesse confundir!) possa causar *prejuizos ás corporações*. que elles ainda não poderam roubar, é só comparavel ao seu zelo por que *um grande numero de cidadãos se abstenha de exercer livremente os actos do seu culto, coagidos pela ameaça de graves penas espirituaes!!*

Tem graça!—o lobo a defender as ovelhas do pastor!!

Ha de lhes fazer uma grande differença que os taes *cidadões* possam ou não exercer os actos do seu culto, a elles, aos laçaios do perseguidor dos catholicos, aos acolytos do sacerdote de Bacho!

Por quanto tempo aturaremos ainda estas repellentes creaturas, escorias de uma sociedade corrupta e devassa!?

Ah! Mas vós as pagareis.

Cardeal Patriarcha

Depois do Senhor D. Antonio Barroso, illustre bispo do Porto, coube a vez de ser desterrado a

Sua Eminencia o Senhor Cardeal Patriarcha.

Parece que uma nova era de perseguições para a Igreja se accentua, d'um modo inilludivel, porque os simples padres já estão sendo victimas da sanha demagogica e sectaria do snr. Alexandre Braga que mostrou desejos de deixar o nome assignalado na sua passagem pelo ministerio da justiça.

A Igreja resiste sempre a estes embates, mercê dos alicerces divinos em que assenta, e leva de vencida os que se armam em seus mais ferozes perseguidores, como o attestam seculos de historia; isto bastará para nos convencer-mos de que mais uma vez será glorificada na pessoa das figuras mais brilhantes do episcopado portuguez.

Já hoje os catholicos recebem com um sorriso de desprezo estas manifestações da força do regimen a que irrisoriamente se dá por pedestal a trilogia santa da Liberdade, Igualdade e Frateridade; mas os catholicos tem as suas responsabilidades prezas áquella passividade a que se entregaram, quando ha quasi sete annos soaram os primeiros rebates d'uma perseguição religiosa.

Foi preciso que a republica se proclamasse, para que os catholicos reconhecessem quão pernicioso havia sido a sua indifferença e d'ahi nascesse a forte corrente de christianisação que se vae alastrando por todo o paiz; mas foi preciso tambem que violencia sobre violencia se exercesse; que ultrage sobre ultrage se cumprisse; que infamia sobre infamia se commettesse; que mentira sobre mentira se bolsasse, para que se convencessem de que a republica era a negação completa do que os apóstolos haviam propalado nos tempos não muito distantes da propaganda.

Aos que, dizendo-se catholicos, applaudem o regimen democratico, que attentem bem no quadro que esta republica lhes apresenta: elle diz-lhes claramente o que a Igreja tem a esperar dos homens do regimen que por um bamburrio da sorte e á sombra da cobardia dos *leaes servidores* do throno fóra proclamado na Rotunda.

Não tenham illusões; não se deixem seduzir por falsas apparencias; não creiam noutra situação para a Igreja em Portugal, servilmente tratada e vexada, depois de expoliada dos seus bens, porque atraz d'aquelles bispos e d'aquelles padres, outros e outros serão desterrados.

Mas a Igreja sahirá, como sempre, victoriosa, subjugando o sectatismo com a força mysteriosa e indomavel do seu poder; e os bispos, como o clero nacional, sentir se-hão maiores ao verem que a Nação os acompanha com o seu protesto, numa consagração perenne de justiça e numa affirmação solemne de revolta e nójo.

As saudações que hontem dirigimos ao Senhor D. Antonio Barroso são as mesmas que hoje tributamos a Sua Eminencia o Senhor Cardeal Patriarcha, porque igual testemunho de respeito nos merece o Príncipe da Igreja em Portugal.

Vicente Braga.

Desafio

Quem lêr com attenção o decreto que impoz ao Eminentissimo Cardeal Patriarcha o exilio por um anno para fora da sua diocese e districtos de Lisboa e confinantes, sentirá, ainda quando pouco piedoso e pouco propenso a lamentar os males da Igreja, uma sensação de profundo respeito pela victima do attentado, e um profundo desprezo pelo auctor.

Com effeito, quando ainda mesmo na pessoa do Snr. D. Anto-

nio Mendes Bello não concorressem todas as qualidades e virtudes do varão verdadeiramente justo, bastariam as elevadas funcções que neste paiz exerce, e que só tem paralelo nos do chefe do estado civil, para o imporem á consideração de todos.

Não faz, na verdade, sentido que a constituição da ré publica cerque o presidente da mesma de uma aura de respeito e o imponha indistinctamente aos adeptos

A' graça gentil

dos seus olhos lindos; estou ainda a vê-la, Minha Senhora, á hora do baile, no casino, numa communhão abençoada de suavidade e nervosismo inquieto...

Versos que faço e rezo ao seu olhar Numa alleluia santa, commovida, Para que a sua alminha a escutar Os guarde e lembre sempre em toda a vida.

Senhora, eu vejo um astro a illuminar O berço que me serve de guarida, E que lindeza a sua d'encantar Ao pé da minha luz escurecida...

Lindeza de magia tão singela, Astro do sul, do lar meridional Onde termina a terra que é mais bella, E que se chama Algarve—Portugal.

O' terna seducção! O' meu desejo! Sigo no seu roteiro, que é meu bem... Diz-me o meu pensamento que ora vejo A estrella dos reis magos de Belém. S. V.

Pedaços d'alma

Philosophando...

A mademoiselle X...

Bem sei que sois formosa, sensitiva, Que tendes d'ouros rios e castellos; Bem sei, sim, que sois nobre, bella e altiva, Como os sonhos mais roseos e singelos.

Não me mostreis, porém, os dentes bellos Nem do collo essa carne branca e viva Porque eu sou pobre... e um pobre não tem elos Que preadam nem o encanto que captiva.

Dae, portanto, aos famintos a riqueza; Despojae-vos das joias, da belleza Facticia que adquiris no toucador...

E, então, assim, sem lar, sem um amigo, Errando pelos montes qual mendigo, Talvez conquistareis o meu amor!...

Guimarães—Agosto—917.

Marques Mendes.

Povoa de Varzim, encontra-se doente, o que muito sinceramente lamentamos. Desejamos-lhe do coração rapidas melhoras.

Da Povia regressou com sua ex.^{ma} familia a Braga, o nosso distincto collaborador e estimado amigo snr. José Vicente Braga.

Com sua dedicada esposa e gentilíssimas filhas partiu para Freixo d'Espada á Cinta o importante proprietario e nosso amigo snr. Antonio Manuel Capellas.

Com suas gentis filhas regressou da Povia a ex.^{ma} Senhora D. Virginia Baptista.

Da mesma praia regressou a esta cidade a ex.^{ma} Senhora D. Maria Margarida Costa, virtuosa esposa do nosso estimado amigo snr. Simão da Costa Guimarães.

Regressou da capital a Villa do Conde o nosso illustre amigo snr. Dr. Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride).

Continua doente o nosso estimado amigo snr. Visconde de Sendello.

Acentuam-se as melhoras do importante capitalista snr. José Borges Teixeira de Barros.

Miguel Soto Maior

Já lá vão dois annos que no governo civil de Braga se suicidou o nosso malogrado amigo Miguel de Soto Maior, onde se encontrava preso por motivos politicos.

Dois annos que parecem passados em momentos, pois tudo foge depressa e veloz, excepto a saudade que esse nosso querido amigo nos deixou, saudade que commoço morrerá visto sabermos no illustre finado, não só um monarchico dedicado e sincero, como um amigo dos mais estimados e mais presados!

E a morte que arrebatou por um monstruoso crime a vida do nosso chorado amigo, sempre implacavel nos seus destinos, veio abrir nas nossas fileiras uma grande lacuna.

E a censura?

Decretoou-se uma nova lei de censura, com todos os matadores e com todas as apparencias de legalidade, e afinal, os inconscientes e desqualificados que por esse paiz fóra estão encarregados de impedir por todas as formas que se diga coisa que não agrade aos empresarios da grande bamboceta republicueira, continuam na sua mesma furia de abafar as vozes de quem grita contra as maroteiras.

Elles bem sabem, os tratantes, que desde que uma lei se vota, é por hypothese uma vontade da Nação que se afirma, o que em democracia deve ser coisa sagrada. Mas, como ainda lhes não foi oficialmente notificada pelo «Diario do Governo», vão assim retardando o ajuste de contas, sem se lembrarem, os imbecis, que quanto mais agravarem o mal mais duro será o castigo.

O nosso doutor Guilherme, que tambem é rodrigues, parece ter empenho em justificar a fatalidade do apelido.

No nosso numero passado não lhe agradou o artigo de fundo e... zás!—cortou-o.

Não lhe agradou tambem que se recitasse aquillo que inconscientemente, como rodrigues que se preza de ser, tinha cortado no n.º anterior a esse, e não esteve com mais ceremonias—cortou-o tambem.

Fundamento? não ter ainda sahido a lume a lei, que lhe prenda mais curtas... as azas da phantasia!!!!

Que lucro ou espera lucrar com a pirraça o Snr. Rodrigues? Ser agradavel ao seu cliente e a mais dois ou três garotos que comprometteram a sua reputação de homem inoffensivo, de que jus-

tamente gozava, em antes de ascender ao alto cargo de administrador d'este concelho, e em cojas mãos não passou de um passivo juguete?

Riu-se provavelmente da pirraça, tiram todos de sociedade, sem pensarem que no fim de contas quem ha de ficar a rir havemos de ser nós, pois que, quer queiram quer não queiram, ha de ser reeditado e publicado tudo quanto cortaram, visto como não fala de movimentos de tropas, nem de navios, nem tão pouco faz propaganda contra a guerra... que já se não pôde evitar.

Desagrada lhes? tenham paciencia, mas visto que pagamos havemos de bufar.

Nós bem queremos poupar o Snr. Guilhermino, pois que, apesar de se dizer, quasi unanimemente, que a nossa opinião é muito nossa, teimamos em julgar e em dizer, que o snr. doutor é uma excellente pessoa; mas se o Snr. Guilhermino persistir em querer agradar á galeria de preferencia á plateia, que lhe havemos de fazer?... Não podemos obrigal-o a comer gallinha, se só gostar de sardinha.

Paço de Guminhões

Digressão pelo passado

Manhã luminosa d'agosto, eis-nos a caminho do sertão vizellenense a aurir o puro ar da montanha, a retemperar a alma ao contacto da natureza bravia e sincera.

Transpostos breves vales e suaves outeiros, uma encruzilhada se nos depara em bosque frondoso.

O acaso ou o instincto decidiu da escolha do caminho: ingreme ladeira entre vinhas viridentes.

Ao fundo, num recanto, surge-nos abrupto um velho portão encimado de heraldico escudo, onde campeiam, a par das Quinas, extravagantes alimarias.

Recuar ou trepar a empinada encosta, batida do sol, ou franquear o portão aberto sobre imenso quinteiro que uma ramada frondosa refresca e ensombra? recuarías tu, leitor complacente; nós aceitamos o tacito convite que os portões, largamente abertos, com tanta franqueza nos faziam.

O instincto é bom conselheiro: ao quinteiro succedia-se o pateo d'honra d'uma casa solaranga. Em face larga e suave a escadaria ladesda de janques e fontes; ao lado a velha capella do solar.

O ar de tudo aquillo era de tranquillidade e de paz. Não obstante o respeito pela propriedade alheia, fez-nos hesitar, e mais que uma vez o receio nos aconselhou a retirada. Pensando no entanto, que quem conserva religiosamente as tradições do passado, não deve ser gente capaz de descortezes jacobinicas, decidimos avançar, já presos da curiosidade que o musgo centenário d'aquellas pedras em nós fazia.

De repente um passo forte e rapido ressoa no chão duro do terreiro e dois oh! oh! admirativos lançam nos braços um do outro o senhor do solar e o chronista, velhos amigos que o acaso separou, e inesperadamente tornou a juntar.

Convidado a subir a larga escadaria com aquella amavel franqueza que é apanagio exclusivo da velha aristocracia de raça, e que os Senhores do Paço de Guminhões—assim se chama o velho solar—levam a extremo e ultimo requinte, eis-nos no vasto salão d'entrada cujo mobiliario archaico assiste ha seculos, á passagem de successivas gerações da familia.

o seu segredo e mister é queलगुम por ellas falle.

Manifestamos o desejo de saber o que tudo aquillo dizia do passado: as pedras que o dobrar dos seculos carcomiam, os moveis feitos de madeira creada em longinquas florestas, os cristaes dos lustres e dos espelhos que por certo alguma vez assistiriam ao casamento de Veneza com o mar, nos tempos em que os Doges, nas suas galeras douradas, lhe iam levar ao Adriatico solemnemente, o anel esponsalico.

—Pois está dito, nos disse o amavel amphytrião; somente estas coisas todas só fallam depois de quebrar o jejum, e estamos precisamente no fuso do almoço.

Feitas as honras ás victualhas e aos vinhos, que seja dito de passagem, são a corda de gloria do seu productor, que mercê d'uma tenacidade que não conhece desfallecimentos, conseguiu transformar o mau vinho local, na mais deliciosa das bebidas; em seguida passamos á bibliotheca onde em amplas estantes se acomodam na mais doce camaradagem, phylosophos, poetas, mysticos e scepticos, historiadores antigos e modernos, todas as epochas, todas as litteraturas, e iam os a dizer todas as linguas, mas tivemos mão a tempo na nossa propria, para evitar o exagero.

Pelas paredes velhos quadros e panoplias de armas antigas, espadas formidaveis, alabardas, bacarmates, pistolas d'outras eras, trophes d'armas gentilicas, um arsenal emfim terrivel e inoffensivo.

Mas o que mais nos atrahia a curiosidade não era o que estava á vista, posto fosse digno de nota, mas o que estaria dentro das gavetas da immensa secretaria (Luiz XV authentica) baixa e longa, ou na alta secretaria imperio, de numerosas gavetinhas mysteriosas.

Pergaminhos, pergaminhos! O que nós queriamos era velhos escriptos, que nos contassem algo do passado.

—D'isso ha cá muito, nos respondeu o nosso amigo. Agora que as pelles de burro andam a encadernar grandes homens, quem quer faria d'elles...

—Alguns escudos? inquirimos. —Não; alguns tambores.

E abrindo uma funda gaveta logo de lá tirou rimas de velhos pergaminhos amarellecidos pelo tempo.

Quem se entendia com isto ás mil maravilhas, nos disse o Senhor do Paço, era o meu caro e saudoso amigo Abbade de Tagilde; lia isso tudo com mais facilidade do que qualquer lê a carta d'um credor.

No entanto um ha aqui, que por ser uma copia de uma epocha relativamente recente (é do tempo de D. João IV) é accessivel a qualquer curioso.

E esse é—A instituição de Honra de Guminhões.

D'elle se vê que o bom e sabio rei D. Diniz, querendo galardoar o aio da Rainha Santa Isabel, Francisco Soares d'Aragão, seu parente, que com ella veio do reino de seu Pae, lhe doou as terras em que hoje existem as freguezias de S. João das Caldas, Villarinho, Negrellos, Lustosa e Santa Eulalia de Barrosas, em premio das suas virtudes e serviços e para que ficando nestes reinos, aqui tivesse o seu solar.

Resu assim o dito pergaminho: D. Diniz Rei de Portugal e dos Algarves a quantos esta carta virades, saude. Sabede que havendo nós respeito aos muitos e bons serviços que de muitos annos temos recebido e recebemos cada dia de Francisco Soares d'Aragão, fidalgo de solar conhecido, e de meu conselho, que foi enviado e veio do reino de Aragão, para este reino de Portugal, acompanhar a rainha D. Isabel, minha m.ª amada e presada mulher, filha d'El Rey d'Aragão D. Pedro, de seu nome

Carteira Elegante

No mez de Setembro fazem annos as seguintes Senhoras e Cavalheiros:

DIA 6

Conde de Paço-Vieira.

DIA 7

D. Adelaide Augusta dos Santos Vasco Leão.

DIA 8

D. Maria da Natividade de Meilletes Campos Henriques.

D. Aida Leão da Cruz.

D. Francisca Fernandes de Freitas de Carvalho Machado (Anadia).

DIA 9

Dr. José Martins Pereira de Menezes (Minotes).

DIA 10

D. Francisca Leite Corrêa d'Almada Wauderly (Azenha).

DIA 11

D. Ermelinda Angelica d'Almeida.

Domingos José Pires.

Domingos Duarte d'Araujo Dantas.

DIA 13

D. Joanna Leite Corrêa d'Almada (Viamonte da Silveira).

DIA 15

D. Maria da Conceição Pinto Tavares Ferrão.

Visconde de Paço de Nespereira (Gaspar).

DIA 16

D. Maria da Conceição Oliveira Bastos.

D. Maria d'Oliveira Gonçalves.

Antonio de Carvalho Rebello de Menezes Teixeira de Souza Cyrne.

DIA 21

D. Mathilde Acciaiuoli de Menezes.

DIA 29

D. Maria da Gloria Rocha dos Santos.

UM MYSTERIO

Elle acha a branca, bonita, Mas gosta mais da morena, Porque—diz elle—a pequena Tem uma alma formosa E prefere a cor do lirio A'alva cor d'uma rosa.

A morena é attrahente No seu olhar seductor: Só Ella desperta amor, Só Ella a alma lhe encanta, Adora-lhe o rosto lindo No seu perfil de santa.

Os seus olhos negros, negros, Tão negros da cor da noite, Espelhos onde se acóite Uma paixão sem igual! Não ha olhar como o d'Ella: Nos olhos não tem rival.

E a luz formosa, ridente, Que a sua alma derrama, E' p'ra elle a viva chama Que lh'aviventa a paixão. Oxalá Deus não extinga Um tão intenso vulcão.

Quem me dera ser poeta Para cantar a alegria, Toda a suave magia Que a sua alma enflora, Quando dos labios desprende O doce riso d'aurora.

VICENTE BRAGA.

Conselheiro Antonio Cabral

Este nosso querido amigo e illustre homem publico, que á nossa Causa tem prestado os mais relevantes serviços, retirou da capital para o seu solar de Ancede, Douro, onde vai passar uma temporada.

O nosso presado amigo e distincto professor do Lyceu snr. Padre Anselmo Silva, que ante-hontem regressou da

quarto, meu Senhor e Sogro; o qual Francisco Soares d'Aravão foi aio e privado domestico d'El-la e com Ella ajunto em sangue, como descendente que é, d'esta linhagem e casa Real d'Aravão (sic) etc., etc.

Enumera depois os serviços que fez, as guerras em que entrou em Hespanha, as embaixadas de que D. Diniz o encarregou, e termina descrevendo a terra doada, para que, para todo o sempre — que ironia! — Elle e os seus descendentes, possam gosar de gerações em geração de todas as honras, graças, liberdades, dignidades, mercês, preeminências, franquezas, privilegios, isenções e prerrogativas que os príncipes e e infantes d'estes reinos de Portugal sempre costumarem usar e gosar de qualquer modo que sejam empossados (sic) etc., etc.

Seguem-se mais umas coisas de difficil leitura e destituidas para agora d'interesse, e chega-se ao ponto capital:

Dada em Lamego dois dias de setembro. Domingo.

Gil Gomes a fez na era de mil trescentos e desesepete. (sic)

Faz hoje precisamente seis seculos contados dia a dia e com a coincidência de ser um domingo tambem.

Ha outra coincidência: a de ser dada em Lamego, terra aonde o nosso amigo tem o seu paterno solar, vasta mole de granito, aonde cada geração tem deixado o cunho da sua epocha, numa discordancia d'architecturas, que não deixa de ter o seu pittoresco.

De lá sahiram embaixadores, generaes, vice-reis, prelados, baillios de Malta, que sei eu! no tempo em que os vultos predominantes se não pescavam nas alfarjas.

E já agora vá lá outra coincidência: a de ser o actual Senhor do Paço de Guimarães, o Senhor Antonio de Carvalho Rebello Cyrne, director d'esta gazeta, e o vigessimo terceiro descendente por sua mãe, do aio e tio da Rainha Santa Izabel e primeiro Senhor donatario da Honra de Guimarães.

A S. Ex.^a pedimos desculpa do abuso de confiança que praticamos ao usar das columnas do seu brilhante semanario, relatando e devassando a intimidade do seu lar e da sua familia; mas de cada vez que se nos offerece ensejo d'uma digressão pelos dominios do passado, de todo nos escapa a noção das conveniencias.

M. de S.

Vizella — agosto de 1917.

CARTA

a umas banhistas...

Ex.^{mas} Srs.^{as}: — assim como V. Ex.^{as} para fazerem um bouquet colhem aqui e ali, as mais lindas, delicadas e perfumadas flores dos seus variegados jardins, tambem Deus (ao desfazer a coroa dos seus martyrios) para que V. Ex.^{as} se não esquecessem de, de tempos a tempos, alguma coisa lhe pedirem, resolveu mimoseal-as com alguns soffrimentos. Deus escreve direito por linhas tortas, como diz a sabedoria das nações.

Os soffrimentos são espinhos, e estes são proprios das mais attraentes rosas.

E' o nosso caso. Ah! Mas queriam V. Ex.^{as} ser bellas sem senão? Para isso seria preciso desprenderem-se de preconceitos, da anti-higiene que tambem é da moda.

E' indubitavel que colherão algum beneficio do pouco que lhes direi nestas amorosas palavras, onde como no Tejo, algum grãozinho de ouro divisarão de mistura com a massa de areia como dizia Kneipp, o unico talvez, o maior medico, capaz de curar quasi de graça com agua e vegetaes (e sobretudo fructas) a Humanidade inteira... Mas... querendo,

(em vez de seguir-nos), continuar a abraçar a sua cruz, e carregar com o pesado fardo do desleixo, não insisto demais com V. Ex.^{as}, para quem naturalmente estarão prohibidas as massadas. Todavia vou preveni-las, para as valorisar, —porque mulher prevenida vale pelo menos por duas...

—Em vista dos varios accidentes que quasi todos os annos ha por esta occasião, convem lembrar aqui alguns dos 10 mandamentos de Kruger, grande higienista húngaro:

—Não se banhem depois de: — grandes commoções, indisposições subitas, e abundantes refeições, etc.

—Cautela com o ponto onde se banham, por causa dos estorvos e da profundidade.

Em geral convem pouca demora (1) na agua; convem sempre pouca demora no vestir e precede-lo d'uma fricção e segui-lo de passeio, repouso no leito (bem enroupadamente) ou um bom almoço. O banho frio é para os saos o melhor. Haja cuidado no enxugar bem o cabelo (este conselho é com V. Ex.^{as} não é com S. Pedro!). O mar convem sobretudo dos 3 annos para cima, aos anemicos, lymphaticos, fracos, convalescentes, aos que crescem demais e não engordam, mas são pallidos, inertes e soffrem de debilidade ou pretuberculose sobretudo do foro cirurgico ou externo, etc.

Não tendo vagar nem dinheiro para fazer luxuosas curas d'agua, de sol, sanatorias, electricas, etc., robustecei-vos pelo systema Kneipp ou allemão, e talvez contra a Alemanha fosse esta a melhor arma nossa e dos alliados: — A Agua. Ella, com ser molle, amollee as pedras, e não havia de, externa e internamente, expellir de nós, ser um miraculoso depurativo, contra os humores frios e ruins?...

Num livro meu (2) da especialidade de partos, lá disse a V. Ex.^{as}, com a minha distincta collega e professora no Porto, dr.^a D. Leonor Amelia da Silva: «Quanta mais agua, menos remedios». Porem não é só usar d'ella! Importa saber tambem como e fazer exercicios musculares ao sol, andar descalço, (3) fugir do abuso de todos os prazeres fisicos, dos excessos em carnes, temperos, vinhos, jogo, café e todos os excitantes que corrompem o corpo a meio mundo fazendo enriquecer o outro meio, e..... por aqui ficaremos, que a paciencia de V. Ex.^{as} tem limites, não é assim?

Cervães (Prado) — 1917.

Candido Bacelar (medico).

(1) Quanta menor, melhor, nos frios.
(2) «Manual de Higiene e Therapeutica...»
(3) Algumas vezes e evitar o mais que possaes as camisolas de lã.

Liquidação!

Não se ouve outra coisa.

Por esse Portugal inteiro e seus dominios aquem e alem mar, desde o norte ao extremo sul, desde a raia hespanhola até á barragem do oceano, nas casas e nas ruas, nas praças e nos comboios, ás mezas dos cafés, e nos passeios dos jardins, não se dão dois passos que o timpano do nosso ouvido não seja ferido por palavras mais ou menos indignadas, por termos mais ou menos violentos que todos traduzem o abortecimento, a indignação, o cansaço, a revolta contra tudo e contra todos.

E por que será isto? Qual a causa d'este estado de saturação a que chegou o nosso povo, que já não pode ouvir falar da república e republicanos que não sinta os cabellos levantados na cabeça e as mãos crispadas de raiva?

Não é preciso dize-lo nem apontar as causas d'esta afinação politica prestes a quebrar as cordas, tão retezadas ellas estão.

O que nós sabemos e podemos dizer em publico razõ, e para todos os que nos quizerem ouvir, sem medo que nos venham contradizer, é que nos prometteram bacalhau a tres vintens, redução nas contribuições, e muitas vezes ouviram estes ouvidos, que a terra ha-de comer, se não tivermos a infelicidade de morrer afogados, victima dos taes barbaros allemães, o que muitas vezes se repetiu d'aquelles palanques onde peroravam os apostolos da liberdade é que o povo não podia nem devia pagar mais.

O que nós ouvimos tambem, foi uma doce cantata de roubalheiras monarchicas, adeantamentos illegaes, e outras coisas boas para entreter papalvos, e apezar d'isso tudo o bacalhau subiu a 7 tostões, as contribuições promettem levar-nos á pelle deixando nos talvez, por um excesso de generosidade, os desgraçados ossos, para poderem ser mettidos na cadeia se tivermos a petulancia de reclamar.

O que nós ouvimos, santo Deus, o que nos prometteram, o espantallo que nos punham diante dos olhos para nos fascinar — eu sei lá!... tudo falhou e hoje o povo morre de fome ou de ferros; os pobres arrebentam com as mãos comprimindo a barriga que quer estalar á mingua de alimentos, emquanto que os amigos, os que prometteram tudo passetam de automoveis, percorrem as praias e thermas, fazem chorudos negocios sugando a vazia bolsa do pobre.

Porque não se ha-de ouvir a cada canto pragoejar contra quem nos levou a este miseravel estado? Ninguem tapará a boca á fome.

Isto está liquidado. Finalmente a morte infamante na lama!! PEDRO C.

IMPOSTOS

Do nosso estimado collega — Comercio do Porto.

O discurso financeiro, ultimamente proferido no parlamento pelo snr. presidente de ministros, mostrou que o paiz poderá liquidar, com relativa facilidade, as suas despesas extraordinarias de guerra. Se assim é, não deverá ser tão pesada, como se tem supposto, a carga de tributos prometida. Bem martyrisado de impostos está já o povo portuguez!

Documentos officiaes dizem que, nos primeiros cinco annos do actual regimen, a contribuição predial augmentou 25, 6 % annuaes, e a industrial, tambem annualmente, 13, 8 %. Calcula-se que mais de 55 % da totalidade das receitas do Estado derivam de impostos directos e indirectos, chamados de consumo. Só de real de agua paga cada habitante da cidade do Porto 37320 réis por anno. As taxas fiscaes das Alfandegas sobre substancias alimenticias importadas, mantêm-se inalteraveis.

Por isso e porque, tambem segundo documentos officiaes, ha crise de materias primas e são escassas as nossas colheitas de grãos, o povo mendiga e enche as prisões. Nunca se viu tanta gente a pedir; nunca as cadeias foram mais povoadas. E' tão intensa a carestia da vida! São tão pesados os sacrificios tributarios das classes pobres!

O snr. presidente de ministros deve attender a esta situação nas medidas financeiras que está preparando, e deve não esquecer agora as suas antigas opiniões sobre impostos de consumo. Em todas as suas declarações ministeriaes, por occasião de assumir a presidencia do governo, disse que se propunha embaratecer o custo da vida. Em 1913, em 1915 e em 1917, tres vezes chefe da situação politica, tres vezes declarou que o pro-

blema das subsistencias lhe mereceria os maiores cuidados. E' tempo de dar cumprimento a estas suas promessas, e para as cumprir, nenhum processo melhor se lhe offerece do que o da redução dos impostos do consumo.

Já antes da proclamação da república, como deputado da nação, o actual snr. presidente de ministros foi ardente propugnador da abolição d'estes impostos. Abrimos a collecção dos «Summarios» das sessões da camara dos deputados do anno de 1909, e na sessão de 25 de agosto d'este anno, vimos resumido o grande discurso de s. ex.^a, a proposito do tratado de commercio entre Portugal e a Alemanha. E' uma oração cheia de brilho, de vehemencia, de calor patriotico. Os impostos de consumo são ahí violentamente combatidos.

Diz o orador (pag. 408) que em uma discussão da ordem d'aquella, não devia deixar passar sem um grito de protesto a nefasta tributação dos generos de primeira necessidade. Defende a abolição dos impostos de consumo: pede que se supprimassem os direitos alfandegarios sobre o arroz, o assucar, o chá, o bacalhau, e insurge-se nobremente contra estas maneiras do Estador (affirma-o textualmente) fazer dinheiro á custa da miseria.

O espirito liberal e democratico do orador teve nesse momento largo pretexto para se expandir contra as abominações do fisco. A camara apoiou-o, o paiz applaudiu-o. Era tão generoso o seu combate! Era tão vibrante o seu sentimento de justiça! E' tempo, snr. presidente de ministros, de pôr em obra as suas ideias de altruismo e de equidade tributaria!

Recorde o poderoso estadista que em 1909 se vendia o assucar a 240 réis, o bacalhau a dois tostões, o arroz a seis vintens. A nossa producção de azeite ainda não lutava, como hoje, contra o corte das oliveiras; não faltava o pão; as nossas pescarias viviam nas praias e ás cidades por preços razoaveis; hoje a sardinha é o alimento de pessoas ricas, e os outros alimentos triplicaram ou quadruplicaram de valor.

Cumpra o snr. presidente de ministros a sua palavra: faça o que a monarchia não pôde fazer, supprima esses impostos onerosos e iniquos, allieve as populações famintas, proceda de modo que os generos de primeira necessidade se libertem da nefasta tributação que os encarece, emfim, acabe por uma vez com o systema verdadeiramente revoltante do Estador fazer dinheiro á custa da miseria!

Honrando as suas promessas, o snr. presidente de ministros honrar-se ha como homem, como estadista e como republicano.

J. V. R.

Cartas de Longe

Impressões de viagem

Vilar Formoso. A ultima terra portuguesa. Para alem fica a Espanha. A' nossa direita num posto fiscal a bandeira portuguesa tremula. Acorremos ás janelas do vagon. O nosso coração palpita mais forte: um mixto de comoção e ansiedade. Sentimos bem o amor que temos a esse pedaço de terra tão nosso. Apeamo-nos. Entramos no buffet da estação. —Uma garrafa de Porto. Enchem-se os cálices. —Pela nossa Patria! Hip, hip, hurrah! Vae neste brinde toda a nossa alma de portugueses. Somos onze. Dois de nós vamos para as trincheiras, os outros vão tirar o curso de aviação.

Mas a todos, naquele soene momento da partida, do adeus á

terra portuguesa, o coração bate com mais força.

O comboio apita... Interrompe-se a saudação. Mais um minuto e estamos em terras de Espanha.

Gente diferente; paisagem diferente. Estou escrevendo na propria carruagem que me leva para o desconhecido.

Acabamos agora mesmo de deixar para trás Fuentes de Oñoro. Vejo a paisagem nova na minha frente. Terrenos planos, ondeados, cheios de oliveas. Ha pouco com a terra portuguesa deixamos as rochas e os montes.

Pela janela aberta descubto um azinhal bem alinhado, em longas fileiras de arvores, baixas e copadas. Touros negros pastam numa campina amarelenta sob o sol triste da tarde.

Ha uma certa melancolia nestas planicies extensas, algumas descampadas.

Paramos em Caspio de Arabu. A' nossa esquerda extensas planicies onduladas, com a mesma terra cinzenta e o mesmo restolho amarelo e triste. A' direita, lá no fundo do horizonte, montes esfumados pela distancia e um céu de chumbo, baço, melancólico. Ha no nosso coração pedaços duma saudade amortecida pelo ideal. Saudades dessa terra bendita onde tremula o pavilhão das quinas. De onde a onde — numa ou noutra estação em que o comboio para — vemos dengosas sefiõritas, algumas com todo o salero particular da mulher espanhola. Ainda não encontramos nenhuma beleza.

Em Fuentes de Oñoro, sim. Havia um tipo especial de mulher, linda mas não bela. Belos só tinha os olhos. Esses sim. Negros ou azues, são vivos, grandes, bem rasgados e cheios de luz. Olham para nós. Dizemos-lhe duas palavras numa algaraviada qualquer que pretendemos seja espanhol.

Elas riem, e ás vezes respondem. O comboio corre veloz naquelles terrenos sempre, infinitamente planos. Agora á nossa direita e lá para a frente apparecemos destacando-se no céu sombrio, uma especie de fortaleza, com os seus fossos e as suas muralhas de cintura. E' Ciudad Rodrigo. A pouco e pouco vamos distinguindo mais pormenotes.

A cidade estende-se para alem. O que nós vimos a principio é a parte velha e, realmente, parece ser uma fortaleza. Entretanto anoitece. Caímos de sono. Adormecemos.

No dia seguinte quando acordamos aproximavamos-nos de San Sebastian.

M. CARDOSO GONSAVES.

PIOS

Remedio heroico

Averiguando da existencia de chifres no paiz

Accedendo aos pedidos da Associação dos Pentecostes de Guimarães, foi prohibida a exportação de chifre, ordenado um inquerito para se averiguar da quantidade d'aquelle artigo existente no paiz.

O chifre já escasseava em Guimarães, devido á sua larga exportação para Hespanha, o que dava lugar á falta de trabalho na industria de pentes, talheres, canivetes, navalhas, etc.

Achamos muito difficil averiguar da existencia de tal artigo, tanto mais que sabemos de fonte segura que a exportação se não tem feito só para Hespanha mas tambem para a Italia.

Até pensamos que sem o regresso do Sr. Dr. Eusebio Leão, ministro da ré publica em Roma, se não soluciona satisfatoriamente a crise.

Já o perá refila o denté

Perú e Allmanha

Londres, 24 — Telegrapham de Amsterdam ao «Daily Mail» communicando

que a «Gazeta de Voss» annuncia que o Perú enviou um ultimatum á Allemanha e que o chanceller recebeu hontem de tarde o ministro peruano.

Como diabo será um ultimatum de Perú? Abrimos um inquerito entre os freguezes do Snr. Vinagreiro.

Coisas fora dos seus logares

O ministro da instrucção tenciona apresentar na proxima sessão legislativa uma proposta criando um instituto anti-rabico em Coimbra.

Não ha duvida que a futricagem tem andado desafortada, mas no entanto parece-nos que não seria desacerto estabelecer um instituto semelhante no Palacio de S. Bento.

Fala o pulha máximo

Aquelle celeberrimo bandido, que ejacula a sua bilis venenosa num pasquim periodico de Aveiro, commentando a deserção de alguns officiaes, sargentos e soldados, sem vocação para sacrificarem a pelle em defesa do Direito, da Liberdade e da Civilisação... dos outros, termina assim:

Eu tenho pena que se não agarrem, sobretudo, os officiaes e sargentos, para os quaes devia haver um unico castigo: atá-los em Lisboa, no Rocio ou na Avenida, aos postes dos electricos ou dos candieiros de iluminação publica, escrevendo por cima — *toá a gente tem direito a escarrar na cara d'estes pulhas.* Que faz o governo para agarrar esses patifes, esses grandes pulhas?

E elle, o grande heroe, que faz, que não parte? Para que lhe serve a elle todo o seu valor, todo o seu brio?

Anda folgado, o patife, e a pelle a pedir-lhe chicote.

Trabalho proficção e dinheiro bem empregado

Camara Municipal

Foi mandado publicar o edital convocando sessões extraordinarias da Camara, que se deverão realizar ás segundas, quartas e sextas feiras, sendo a primeira amanhã, para tratar dos carros da companhia carris de ferro de Lisboa, orçamento supplementar, contas da gerencia de 1916, modificações relativas ao projecto da Avenida de Berne na parte correspondente aos terrenos pertencentes aos herdeiros de Carlos Eugenio de Almeida, projecto de melhoramentos da Penha de França, monumento a Antonio José da Silva, o «Judeu», projecto e orçamento para o mausoleu a Candido dos Reis e Miguel Bombarda, subsidio para o mausoleu a França Borges, lapide para collocar no Campo dos Martyres da Patria á memoria de Gomes Freire de Andrade, criação de uma medalha da cidade de Lisboa para galardoar os serviços relevantes prestados ao Municipio, á Patria e á Humanidade, syndicancia ao serviço de limpeza e regas, bairro Marinho & Neves, criação de uma cooperativa municipal, prolongamento da rua da Cidade da Horta, subsidio á sopa para os pobres requerido pelo *Seculo*.

Caramba! o que ahi vae de trabalho fecundo!

Receitamos bem que os conspiciuos edis não tenham tempo de pôr em pratica um tão mirabolante plano, e na verdade temos pena.

Seria muito para lastimar que não pudessem realizar uma tão grande obra, ou que o dinheiro faltasse para ella.

Realmente Lisboa não teria direito a foros de terra civilisada se

não levantasse monumentos ao Reis, ao Bombarda e sobre tudo ao Borges.

Até propomos que mude o seu nome secular em Françaoborgespolis.

Ora os lopes!

Chronica amoruda

(Recortado dos collegas grandes)

1917

Recebi. Sou mau queria tudo para mim e isso é um impossivel. Quero-te muito, és tudo para mim, mas é sufficiente uma palavra tua para me afastar para sempre. Tudo supportarei para te ver feliz. Ainda não te aborreceste? Sempre obedeces ao papá? Muitos dos bons com pensamentos tristes cheios de recordações felizes.

Seu tolo! Se não é possivel arranjar tudo para si, reparta, e contente-se com o que lhe ficar que sempre ha de ser melhor do que nada.

Cá volta elle

1917

Recebi. Que fiz para que sejas tão minha amiga? Nada mereço. Só te tenho feito mal, não deves querer tanto a quem te faz soffrer; embora sempre queira o teu socego e a tua felicidade, tenho sido sempre causador do contrario. Como poderei agradecer tudo? Nem mesmo sei como poderei pagar a minha divida, toda a minha vida não chega para isso. O Papá ainda se não resolveu? Muitos dos bons.

Pelo visto sempre açambarcou tudo, mas vê-se agora grego para pagar a factura. Como temos uma particular sympathia por este rapaz, sempre queremos concorrer para a sua felicidade, com um conselho pratico:

Vá pagando em prestações, e se tem medo que a vida não chegue para tanto, pague em prestações pequenas. Parece tolice, mas não é. Experimente.

Cá temos outro maduro

Luiza

Hontem não pude dar noticias á minha boa estrella, mas certamente que hoje ficou aborrecida de serem tão circunstanciadas. Tudo que li hoje me deixou mais uma vez convicto do que és para mim, além de que da minha parte tens recebido, senão mais, igual affecto.

Não calculas como tenho passado aborrecido. Faltam-me as tuas caricias, os teus b. e ainda a tua voz que a todos os momentos se me afigura ouvir. Se o meu amorzito soubesse, ou adivinhasse por um momento, o que dentro de mim se tem passado com tão longa ausencia, não me diria para que dissesse que sim. Pois se todo o meu desejo é o teu!

Beija-te com muitas saudades o teu

Mario.

Este então parece astronomico, e coitado, está afflicto por não ter podido, nas ultimas noites, communicar com a sua estrella, certamente por estar o ceu encoberto.

Este astronomico, que dá pelo nome de Mario, é tão nebuloso como o tempo que ultimamente tem feito.

Não se entende muito bem a sua prosa (se é em prosa que escreve).

No entanto uma coisa se deprehende: que lhe faltam os b. (e talvez tambem os p.) e mais ainda a voz que os acompanha, e que a todo o momento elle julga ouvir. Não sabemos se tambem

a todo o momento julga sentir o perfume dos b. e dos p.

Se assim fosse, ainda seria ao menos uma consolação. Pobre Mario!

ANNUNCIOS

Vende-se um fonei, bem construido de madeira de castanho e boa arçaria; leva 10 pipas.—Falar em Vizela com o Ex.^{mo} R. de Carvalho, e em Guimarães com o sollicitador Pimenta.

Venda de imagens

No largo da Oliveira n.º 34, em Guimarães, estão á venda duas imagens, sendo uma de Christo e outra de S. João em tamanho natural; mostram-se de dia depois das 8 horas da manhã.

Vende-se

Uma morada de casas de 2 andares, situada com o n.º 7, no largo do Serralho, proximo á cadeia.

Um carro de 4 logares, que pode ser tirado por 1, 2 ou 3 garranos.

Falar com o sollicitador Pimenta.

Vende-se

Uma morada de casas, na rua do Gravador Molarinho, com os numeros 35 e 37.

Fallar com o Sollicitador Pimenta.

Livros baratos em perfeito estado de conservação

Novo Dicionario Francez Portuguez. por José da Fonseca.

Manual de Direito Ecclesiastico Parochial para uso dos Parochos, por Antonio Xavier de Sousa Monteiro.

Catecismo Para uso dos Parocos feito por auctoridade de decreto do Concilio Tridentino, publicado por mandado do SS. P. Pio V.

Todos estes livros se vendem por metade do seu preço ou ainda por menos na Typographia Minerva. Ha apenas um exemplar de cada um.

NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos erros commettidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos.

A venda na Papelaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.

PREÇO 800 RS.

A EQUITATIVA DE PORTUGAL E ULTRAMAR

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida
Seguros de Vida—Seguros Terrestres,
Maritimos e Agricolas.

Seguros contra Accidentes de Trabalho
Seguros de Guerra

Reservas em 31 de Dezembro de 1915, Esc. 528.901\$650
Indemnizações pagas, Esc. 346.046\$700

SEDE SOCIAL LARGO DE CAMÕES, 11
LISBOA

Correspondente nesta cidade
Antonio Luiz da Silva Dantas
Rua de Payo Galvão, 70.

A MODELAR

Officina de Repicagem de Limas

DE **Lima & Carlos**

Tabella de repicagem — Preços por lima

| | | | | | | | | | | | | | | | | |
|-------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Polegadas | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 |
| Bastardo | \$08 | \$09 | \$10 | \$11 | \$12 | \$15 | \$16 | \$18 | \$21 | \$24 | \$27 | \$32 | \$36 | \$40 | \$44 | \$49 |
| Murça e grosas... | \$09 | \$10 | \$11 | \$13 | \$15 | \$17 | \$20 | \$24 | \$26 | \$33 | \$38 | \$44 | \$49 | \$54 | \$59 | \$64 |

Grosas sapateiro, pequenas \$17, grandes \$22; grosas ferrador, pequenas \$40, grandes \$50
OBSERVAÇÕES: Pagamento contra entrega de fazenda e sem desconto

Correspondente nesta cidade: **Antonio Luiz da Silva Dantas**
Rua de Payo Galvão, 70

Ultima novidade scientifica

Qual é a fórmula da Terra?

POR

Mariotte

O livrinho «Qual é a fórmula da Terra?», que constitue o primeiro volume da nova collecção *Sciencia Popular*, destina-se a expôr ao grande publico a historia do grande problema scientifico da forma do nosso planeta, ainda hoje objecto de grandes discussões. Eis o sumario dos capitulos:

I A imagem do mundo dos antigos

Um problema cuja historia se perde na noite dos tempos.—A imagem da Terra entre os gregos.—A imagem da Terra durante a Edade-Media.

II Theoria da esphericidade da Terra

Observações que mostram a rotundidade da Terra.—As primeiras medidas das dimensões da Terra.—Colombo, Magalhães e o problema da forma e dimensões do Terra.—Principio da medida d'um arco de meridiano.—O Padre Picard verdadeira fundador da geodesia.

III O achatamento terrestre

O problema do achatamento polar posto pelas theorias de Newton e pelas observações de Richer.—Uma controversia celebre: cassinistas e newtonistas.—Valor do achatamento polar. Systema metrico.

IV A fórmula da Terra e as oscillações do pendulo

O pendulo e as suas leis d'oscillação.—Efeito da força centrifuga.—As variações da intensidade da gravidade reconhecidas pelo pendulo.—Formula de Clairaut.—Anomalias da gravidade.—O geode.

V Theoria tetraedrica da fórmula Terra

Principio do systema tetraedrico.—Consequencias geographicas da forma tetraedrica.—Torção do tetraedro terrestre. Depressão intercontinental.—A theoria tetraedrica e as anomalias da gravidade.—A theoria tetraedrica e a distribuição dos tremores de terra e dos vulcões na superficie terrestre.

Um volume de 100 paginas, illustrado com 19 gravuras, 200 réis

Editores—ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA
(Pagamento adeantado)

| | |
|--------------------------------|------------|
| Portugal, Ultramar e Hespanha | |
| Anno | 1\$300 rs. |
| Semestre | 650 " |
| Trimestre | 350 " |
| Estados U. do Brazil (anno) .. | 2\$000 " |
| Paizes da União Postal .. | 2\$500 " |
| Numero avulso | 30 " |

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adeantado)

| | |
|---|--------|
| Annuncios e communicados, linha | 60 rs. |
| Repetições, por linha. | 20 " |
| Permanentes, contracto convencional. | |
| Reclamos, no corpo do jornal, até | |
| 5 linhas, cada um. | 100 " |
| Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis. | |
| Annuncios, não judiciaes, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento. | |

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

prégado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; editado num elegante opúsculo, precedido da narração do interessante episodio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pelo correio 65 reis.

Pedidos á Typ. Minerva Vimaranesse
R. Payo Galvão—Guimarães.

Echos de Guimarães

IV Anno PUBLICAÇÃO SEMANAL Num. 175

Ex.^{mo} Snr.